

IDENTIDADE, CULTURA E LINGUAGEM – LÉXICO RELATIVO ÀS ATIVIDADES PROFISSIONAIS EM *TROPAS E BOIADAS*, DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

Cristiano Curtis ELIASSIM¹

Dr. Braz José COELHO²

Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

cristianocurtis@hotmail.com

brazcoelho@bol.com.br

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar as relações existentes entre identidade, cultura e linguagem, partindo de um estudo do léxico relativo às atividades profissionais na obra goiana *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos. Procuraremos identificar o léxico relativo às atividades profissionais nos contos que compõem esta obra, tentando verificar de que forma a identidade do sertanejo é construída através do trabalho e, principalmente, através dos instrumentos utilizados na realização deste trabalho. Inicialmente apresentamos um aparato teórico acerca de identidade, cultura e linguagem, procurando relacionar estes temas, tendo como eixo a construção identitária; em seguida, destacamos algumas unidades lexicais referentes ao trabalho dos tropeiros, boiadeiros e carreiros para exemplificar e legitimar a ideia de que as realizações lexicais caracterizam e reforçam a cultura de um povo, além de contribuir de forma incisiva para construção da identidade. Acreditamos que a identidade se constrói a partir da cultura e esta, por sua vez, se expressa através de referenciais linguísticos. Assim, fica evidente que o sertanejo apresentado por Hugo de Carvalho Ramos tem sua identidade elaborada a partir da sua relação com o trabalho de lida com as tropas e as boiadas, elaborando seus instrumentos de trabalho e expressando-se através da língua.

Palavras-chave: Identidade – Cultura – Linguagem – Tropas – Boiadas

O presente trabalho tem a pretensão de proceder a uma análise das relações existentes entre identidade, cultura e linguagem, partindo de um estudo do léxico relativo às atividades profissionais na obra goiana *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos. Procuraremos identificar o léxico relativo às atividades profissionais nos contos que compõem esta obra, com a intenção de verificar de que forma a identidade do sertanejo é construída através do trabalho e, principalmente, através dos instrumentos utilizados na realização deste trabalho.

A identidade de um povo encontra-se marcada principalmente pelos instrumentos de trabalho que são utilizados nas suas atividades diárias, os quais são criados, sobretudo, com a intenção de solucionar problemas que surgem durante suas atividades. É neste sentido, que faz necessário uma compreensão sobre a cultura e a linguagem, observando as realizações lexicais apresentadas nos contos da obra goiana. Destacamos que as realizações lexicais, sobretudo aquelas relativas a atividades profissionais, muito tem a contribuir para um estudo relacionado à cultura de um povo, como forma de construção de uma identidade específica. É

¹ Mestrando do Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

² Professor Orientador do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

através do léxico que esta cultura se expressa, possibilitando assim a criação de uma identidade, como no caso específico, a identidade do sertanejo do início do século XX.

Desta forma, organizaremos este estudo da seguinte forma: inicialmente apresentaremos um aparato teórico acerca de identidade, cultura e linguagem, procurando relacionar estes temas, tendo como eixo a construção identitária; em seguida, apresentaremos algumas unidades lexicais referentes ao trabalho dos tropeiros, boiadeiros e carreiros como forma de exemplificar e legitimar a ideia de que as realizações lexicais caracterizam e reforçam a cultura de um povo, além de contribuir de forma incisiva para construção da identidade.

Entender o uso e o significado de uma palavra em sua época e contexto de utilização é de grande importância para a compreensão da identidade e da cultura daqueles atores sociais. Desta forma, analisar o léxico em atividades profissionais de uma determinada comunidade ou grupo de seres humanos possibilita também compreender a dinamicidade da cultura deste povo. Necessário se faz entender que a cultura possui uma estreita relação com o léxico, pois é através dele que ela se manifesta, demonstrando as transformações de determinado grupo social. Neste sentido, aponta Paula (2006, p.54) que

o léxico representa as experiências culturais de um grupo ou de uma nação recortadas na língua de que faz parte. A expressão das crenças, as artes culinárias e medicinais, as tradições, as inovações e todas as nuances da vivência social de um povo fazem notar o seu universo lexical.

A identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros. Sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento (história, sociologia, antropologia, direito, etc.), e tem, portanto, diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê, podendo ainda haver uma identidade individual ou coletiva, falsa ou verdadeira, presumida ou ideal, perdida ou resgatada. Neste sentido, é importante notar que a identidade encontra sua razão de ser na diferença, ou seja, identidade e diferença são dois valores que, ao se oporem, acabam possibilitando a conceituação. A identidade só existe na relação com a sua negação, uma vez que ela existe e se define a partir daquilo que ela não é. Assim, a identidade do sertanejo, por exemplo, se constrói a partir da sua relação com aquele que não é sertanejo, que não possui seus costumes, suas formas de trabalho, sua forma de vida.

Desta forma, a identidade se constrói a partir das representações que um grupo social faz do mundo. Assim, ao analisar o léxico utilizado por um povo como forma de representação do mundo, podemos perceber de forma mais detalhada as características identitárias deste povo. Em outras palavras, a identidade de um determinado grupo social se constitui a partir dos mecanismos simbólicos de representação do mundo e também das relações dos seres dentro deste mundo. Identificar elementos representativos de atividades profissionais é uma forma de verificar como um ser humano se relaciona com o mundo e com os demais seres, criando assim horizontes culturais dentro deste grupo específico. É neste sentido que destacamos o fato de que a obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, apresenta-nos a identidade do sertanejo que, num recorte temporal do final do século XIX e início do século XX, era marcada pelos instrumentos de trabalho que possibilitaram o desenvolvimento mercantil do próprio estado de Goiás. Convém destacar aqui as palavras de Vicentini (1997, p. 52), ao afirmar que

a construção de Hugo de Carvalho da imagem do homem sertanejo goiano é a resposta clara ao seu tempo. E a sua escolha dos tropeiros e boiadeiros é uma escolha de identidade positiva para o seu estado, de forma a que ele

comparecesse como produtivo – sertanejo e não caipira – no concerto geral da nação.

A oposição é básica para o próprio fundamento da identidade, ou seja, a identidade se define pela oposição. É justamente em relação ao habitante dos centros comerciais do país que se constrói a imagem do sertanejo. Hugo de Carvalho Ramos apresenta o sertanejo a partir da descrição de maneira poética da realidade do homem goiano, seu trabalho, suas tradições, seus costumes, seu imaginário popular, ao mesmo tempo questionando as condições de vida dos personagens.

A construção dos textos de Hugo de Carvalho Ramos privilegia a temática do mundo rural, sendo o modo de vida no campo, na lida com as tropas e as boiadas a característica constitutiva de seus personagens. Pela boca dos tropeiros, dos boiadeiros, dos carreiros e dos cargueiros surgem termos característicos do linguajar da região central do Brasil, carregado das nuances formatórias daquela população. Os bandeirantes de outrora das regiões de Goiás são aqui apresentados como tropeiros e boiadeiros que perpassam as beiras das cidades, vilas e povoados goianos. E em cada parada das tropas fica a imagem do sertanejo do início do século.

A representação é, assim, um processo cultural de significação da experiência humana. E esta significação é criada dentro da dinâmica das relações humanas, em especial nas relações de trabalho que o homem estabelece no meio em que está inserido. É neste sentido que Silva (2000, p. 17) anuncia que

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência humana e àquilo que somos.

Assim, a identidade do sertanejo é criada a partir de suas relações de trabalho àquela época. As formas como os seres lidavam com o dia a dia, estabelecendo relações de trabalho e criando instrumentos que possibilitavam a realização de suas atividades diárias é que nos permite compreender a essência da identidade sertaneja. Nada de instrumentos sofisticados nem bem elaborados, mas são instrumentos simples, criados e desenvolvidos a partir da própria necessidade diária, para facilitar a lida nos sertões goianos com as tropas e com as boiadas. É neste contexto que a imagem do sertanejo foi sendo constituída, se opondo claramente à ideia que se tinha dele como caipira.

A identidade do sertanejo era muitas vezes confundida com a identidade do caipira. Mas fica evidente na apresentação que Hugo de Carvalho Ramos faz de seus personagens que a identidade do sertanejo se difere, sobretudo nos aspectos de relações de trabalho, da identidade caipira, habitante das pequenas cidades e lugarejos que viviam do trabalho em pequenas extensões de terra que lhe eram cedidas para o plantio destinado à sua subsistência.

Além de se diferenciar do caipira, a identidade do sertanejo também se constrói a partir da relação deste com os habitantes do centro, aqui entendidos como os locais de maior desenvolvimento econômico e social do país, em especial São Paulo e Rio de Janeiro. O sertanejo apresentado por Hugo de Carvalho Ramos é, sobretudo, aquele que se opõe aos habitantes do centro, mas que exerce no Brasil Central uma forte influência, propiciando um grande desenvolvimento econômico, através de suas atividades de lida e transporte de gado e de cargas, estimulando o comércio desta região com os grandes centros econômicos do país.

Não podemos deixar de mencionar aqui a maestria com que Hugo de Carvalho Ramos descreve este sertanejo das terras goianas, baseado na realidade com a qual conviveu. Mesmo tendo uma trajetória de vida muito curta, falecendo com apenas 26 anos, este goiano soube

transpor para a literatura as evidências do sertanejo goiano, desmistificando ideias errôneas que se tinha acerca do mesmo.

Hugo de Carvalho Ramos nasceu em 21 de maio de 1895, em Vila Boa, então Capital do Estado de Goiás. Iniciou seus estudos na cidade natal e depois foi para o Rio de Janeiro, onde, em 1916, matriculou-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1917, publicou *Tropas e Boiadas*, que representa hoje a face da literatura goiana com maior destaque. Em 1920, estando prestes a concluir seu curso jurídico e, em crise de depressão, viaja ao interior de Minas Gerais e São Paulo. Em 31 de março de 1921, quando retorna ao Rio de Janeiro, suicidou-se, enforcando-se com uma corda de rede.

Assim, a identidade que Hugo nos apresenta do goiano é aquela com a qual ele conviveu. Sendo goiano de nascimento, pode perceber de perto as características do sertanejo e apresentá-las através de sua literatura, solidificando um regionalismo. Ainda nos primórdios do século XX, Hugo de Carvalho Ramos já adiantava traços da literatura regionalista que apareceria na década de 30. Assim, em seu projeto ideológico, ele apresenta-nos um sertanejo com sua face produtiva e, ao mesmo tempo, denunciando sua condição de vida, como bem salienta as palavras de Vicentini (1997, p.45-46)

(...) quando elabora a dualidade da autenticidade de um tipo de homem do sertão e a inautenticidade de outro, ideologicamente ele escolhe, seleciona. E, ao selecionar, aponta para o tipo de imagem que ele quis construir do sertão: imagem de um sertão economicamente viável, construída sobre a do sertanejo produtivo, o tropeiro, o boiadeiro e não sobre o roceiro.

É neste sentido que a identidade criada por Hugo é a identidade de um sertanejo produtivo e diferenciado por seu trabalho. As atividades exercidas por este sertanejo são importantes, sobretudo, para o desenvolvimento econômico do centro-oeste goiano. Por isso, em nosso recorte de estudo lexical preferimos destacar e enfatizar palavras relativas às atividades profissionais, já que esta atividade se destacou na identificação deste homem do sertão na literatura goiana.

É também através desta identificação lexical que poderemos identificar práticas culturais específicas do sertanejo. Observando com cuidado os elementos apresentados nas narrativas podemos perceber que o autor procura difundir e registrar um modo de ser, marcado no meio cultural do interior goiano. Assim, acreditamos que explorar tal vocabulário sistematicamente seria uma forma de conhecer melhor as palavras e expressões referentes ao trabalho profissional no meio rural, uma vez que língua é o reflexo desta complexidade social, como bem observa Coelho (2005, p.22),

(...) refletindo a complexidade mesma de que são constituídas as pessoas e o universo em que elas existencializam as suas experiências, uma língua não poderia ser um sistema semiológico simples, fechado em si mesmo e de limites estreitos.

A identidade apresenta-se, portanto, como um paradoxo, pois ela é, simultaneamente, o que é semelhante e o que é diferente. Ela oscila entre o semelhante e o diferente, o que faz do indivíduo um ser singular e ao mesmo tempo semelhante a outros. Assim, a construção da identidade é um processo dinâmico, influenciado por múltiplos fatores sociais.

A identidade social caracteriza-se pela pertença do indivíduo a um grupo sexual ou gênero, grupo etário, classe social, etnia, nação, grupo religioso etc. É ela que permite ao indivíduo pertencer-se a um grupo social e ser referenciado pelos outros como membro daquele determinado grupo, através da apreensão dos valores, hábitos, formas de trabalho deste grupo. Assim, adquirir os costumes de um grupo é uma forma de se firmar como

membro daquele grupo. Participar das conversas ao final da tarde, no paiol de milho, por exemplo, é uma forma do indivíduo se legitimar como um sertanejo autêntico, já que estas prosas eram um costume diário do sertanejo, como observamos nesta passagem:

Não era preciso tanto cuidado, agradeceu meio confundido. Tomou-lhe a bênção rápido, cumprimentou a moça e foi despedir-se do pessoal da casa, àquela hora, como de costume, reunida no paiol de milho, em comentários ao acaso do dia. (RAMOS, 1986, p. 122).

Destaca-se também o fato de pedir a bênção ser uma atitude comum entre os sertanejos, demonstrando uma ligação forte com a religiosidade. Além disso, as rezas de terços, seguidos de procissões em volta do curral era uma forma de manifestar a cultura deste povo e, conseqüentemente, realçar mais um traço de sua identidade de povo simples, ligado a tradições religiosas do local.

A cultura é o conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de um povo. É o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência transformando a realidade. É um processo em permanente evolução, diverso e rico. É o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade, fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores deste grupo. É o conjunto de fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação (língua, costumes, trabalhos, rituais, culinária, vestuário, religião, etc), estando em permanente processo de mudança.

Falar de cultura é compreender a humanidade em toda a sua riqueza e toda a sua forma de existência. A cultura expressa o que une e o que diferencia os agrupamentos humanos. A manifestação cultural se faz muito importante para aqueles que a vivem, pois é através dela que um grupo social expressa sua existência. Assim, é necessário conhecer a realidade de um povo para compreender as práticas culturais e para que estas práticas façam sentido.

Há variações nas maneiras de praticar o trabalho e cada grupo humano o pratica de acordo com suas necessidades. Isto é uma manifestação cultural, uma vez que caracteriza um povo, diferenciando-o de outros grupos humanos. É neste sentido que, como já salientamos, a identidade se constrói na oposição e na relação de práticas culturais diferenciadas.

O estudo da cultura de um povo contribui para combater o preconceito e para conhecer e dar sentido às diferentes relações humanas. Somente a partir do conhecimento dos costumes e valores criados por determinado grupo será possível compreender o sentido e valorizar tais manifestações naquele contexto específico. Os contos de *Tropas e Boiadas* retratam de forma intrínseca a vida social goiana e a natureza, recriando uma realidade verossímil, perfeita, reconhecível, possibilitando ao leitor o conhecimento dos valores de um povo. Há um trabalho com as palavras que contribui ainda mais para que o leitor possa apreender a cultura do sertanejo. Assim é que, por exemplo, ao se referir a uma mala de couro cru, para levar em viagem a cavalo, o narrador utiliza o termo “bruaca”, apresentando-nos aquela realidade, como podemos observar no trecho:

O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum sorrãozinho de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi, e armando duma dedada correu todo o lote, criando aqui uma pisadura antiga... (RAMOS, 1986, p.31)

Assim, a cultura nos faz enxergar a nós mesmos como seres sociais, na relação com as diferenças e semelhanças. As discussões sobre cultura podem nos fazer pensar sobre nossa própria realidade social. Cada grupo social organiza e transforma a vida em sociedade para superar os conflitos e obstáculos diários. Cada cultura é resultado de uma história particular, de necessidades particulares e nisto podemos incluir o contato com outras culturas.

A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da sociedade humana, expressa diferentes organizações sociais e demonstra diferentes formas de domínio humano sobre a natureza. Hierarquizar as culturas é uma forma de preconceito bem característico de uma sociedade capitalista, em que as relações de poder pretendem se sobrepor às demais relações. Por isso, o preconceito a uma cultura pela sua natureza popular, por exemplo, deve ser combatido. Anular uma cultura popular em razão de uma cultura erudita, letrada é negar a existência de um determinado grupo social e de sua forma de manifestar na e sobre a natureza.

Podemos entender o termo cultura em duas concepções: 1- remete a todos os aspectos de uma realidade social; 2- refere-se ao conhecimento, às ideias e às crenças de um povo. Falar de cultura de um grupo social é dar conta das características deste grupo, preocupando-se com a totalidade destas características e com as maneiras de conceber e de organizar a vida social e suas relações com a natureza. A cultura também diz respeito a um conhecimento, a um domínio da vida social – aqui podemos fazer referência às formas de trabalho criadas pelo sertanejo na lida com as tropas e com as boiadas, nos carros-de-bois, na forma de organizar seus instrumentos para viagem, como formas de conhecimento específicas, que possibilitaram o desenvolvimento econômico das regiões de Goiás, como já fora mencionado anteriormente.

A cultura não é algo acabado, fechado, estagnado, mas algo que se mostra em constante dinamicidade. É importante entender a cultura de um povo para compreender os processos de transformação porque passaram este povo. Ela é traço de humanidade e de dinamicidade entre as pessoas. Através das inter-relações entre as culturas estas se reelaboram, possibilitando que uma cultura dita como popular possa ter traços da cultura erudita e vice versa.

Há também uma estreita relação entre cultura e língua, pois a cultura se realiza através da língua. A língua é, portanto, o principal canal pelo qual os sertanejos nomeiam seus instrumentos de trabalho e exprimem a forma de uso destes instrumentos aos outros. É através dela que este conjunto de conhecimentos desenvolvidos através do trabalho com as tropas e com as boiadas são repassados a outras gerações para que não fiquem perdidos no tempo. Por isso, ao falar de cultura é necessário demonstrar como ela se expressa linguisticamente e contribui para a criação da identidade do sertanejo.

Sendo o conjunto de tudo aquilo que o homem criou na base de suas faculdades humanas, destacamos como elemento cultural a relação entre o ser humano e o trabalho, ou seja, a própria ação humana de desenvolver atividades de trabalho é uma ação cultural. Neste sentido, necessário se faz aqui cotejar língua e cultura. Nas palavras de Paula, “para que se estabeleçam e interajam os sistemas políticos, culturais e econômicos, a língua é seu principal instrumento” (2006, p. 90).

Além disso, nas narrativas curtas apresentadas por Hugo de Carvalho Ramos, a linguagem permeia-se de ideologias e apresenta uma forte crítica social, através da qual podemos estabelecer uma intrínseca relação do homem com o meio, nos reportando a uma visão sociológica. Neste intento, a cultura de um povo mostra-se interligado com a língua, uma vez que a língua é parte da cultura. Nas palavras de Câmara Jr. (1972, p. 269),

Assim, a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua súpula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la. Isto opõe naturalmente a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e cria uma ciência independente para estudá-la – a linguística em face da antropologia, que estuda todas as outras manifestações culturais.

A própria noção de ser humano encontra-se demarcada pela possibilidade de se apropriar dos recursos naturais, transformá-los e adaptá-los às suas necessidades, facilitando

suas atividades diárias. Esta relação do homem com sua realidade e sua conseqüente transformação nada mais é do que uma manifestação cultural, que se diferencia das manifestações culturais dos demais grupos. Este processo de transformação dos meios que se encontram à sua disposição é um processo de construção cultural. É neste contexto que o sertanejo criava seus instrumentos de trabalho, para solucionar problemas de transporte e de lida diária com as tropas e as boiadas daquele tempo.

É necessário também destacar que as atividades destes sertanejos não se restringiram somente à ação de criar e utilizar estes instrumentos de trabalho. Mas a esta ação de criar instrumentos associa-se a atividade de dar nomes a estes objetos criados, ou seja, o homem acaba fazendo uso da linguagem para nomear seus instrumentos que o auxiliariam na realização de seu trabalho.

Ainda, segundo Câmara Jr., “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga” (1972, p. 53). Assim, a função da língua é expressar cultura para permitir a comunicação. O intercâmbio cultural se dá por meio da língua, já que ela se faz presente na própria essência da atividade cultural. É neste contexto, que ao criar e, principalmente, ao nomear seus instrumentos de trabalho, o homem expressa sua cultura, simbolizando e exteriorizando em forma de linguagem sua relação com o trabalho e, conseqüentemente, construindo sua identidade.

Entendendo que o léxico de um grupo social expressa a forma como os atores deste grupo se relacionam com o mundo, como já fora mencionado neste trabalho, apontaremos aqui alguns recortes de campos lexicais do vasto sistema que o *corpus* nos apresenta, com a intenção de exemplificar palavras e expressões relativas às atividades profissionais utilizadas pelos sertanejos na sua lida diária. Salientamos que o *corpus* é vasto e o que aqui se apresenta é apenas um pequeno grupo de palavras, com seus respectivos significados, que expressam traços da cultura do sertanejo goiano e, conseqüentemente, de sua identidade. Apresentamos a seguir alguns elementos lexicais que acreditamos demonstrar a identidade do homem sertanejo na sua relação de trabalho com as tropas e boiadas, descritas no seu uso diário por Hugo de Carvalho Ramos. Eles são apresentados com seus respectivos significados no contexto em que são aplicados na obra. Tentamos explicar tais termos pelo contexto da obra em análise e, quando necessário, recorreremos a dicionários como Dubois (1973) e Ferreira (2010).

Relho: Chicote feito de couro torcido.

Bridas: Conjunto das rédeas e freio.

Cambitos: posta de arraia seca; gancho de pau.

Surrões: bolsas de couros usadas pelos pastores

Cangalhas: Armação, geralmente de madeira, para as bestas levarem carga de ambos os lados.

Embornais: Saco com ração que se prende ao pescoço das bestas; cevadeira.

Bruaca: mala de couro cru, para levar em viagem a cavalo.

Gume: Lado do fio dos objetos cortantes.

Varal: Cada uma das varas entre as quais se atrela o animal que puxa um veículo

Cornimboque: caixa ou utensílio feita da ponta do chifre do boi, geralmente utilizado para guardar líquidos ou semelhantes.

Cabresto: cabeçada de corda ou de linhagem.

Pelegos: cobertura feita de pele de carneiro com lã, usada como xairel, sob o assento do cavaleiro.

Arreio: cada uma das peças do aparelho das cavalgaduras.

Piquá: saco para transportar comida, vestuário.

Arção: Parte dianteira ou traseira da sela à marialva, e, por extensão, da sela ordinária.

Cutuca: espécie de selim de arções alto.

Rédea: correria com que se maneja o freio.

Sela: Assento acolchoado onde se assenta o cavaleiro.

Cincerros: Campainha grande que se pendura ao pescoço da besta que serve de guia às outras.

Piraiá: acoite ou chicote de várias correias feito de couro cru.

Cabeçada: aparelho que cinge a cabeça e o focinho das cavalgadas.

Alforje: espécie de bolsa grande dividida em dois compartimentos.

Dobro: pequeno volume que se põe em cima da carga dos tropeiros.

Crivo: espécie de peneira de fio metálico.

Cabaça: fruto da cabaceira, vasilha feita desse fruto.

Trempe: aro ou triângulo de ferro que assenta sobre três pés e sobre o qual se coloca a panela ao lume.

Como foi possível observar no recorte acima, Hugo de Carvalho Ramos nos apresenta em sua narrativa palavras e expressões que constituíam a relação do sertanejo com o trabalho. Há que se destacar que muitas destas palavras e expressões ainda continuam fazendo parte do repertório linguístico de falantes goianos e outras são pouco utilizadas ou acabaram se desaparecendo com o passar do tempo. Necessário também se faz destacar que entre os elementos apresentados há aqueles campos lexicais que se referem diretamente ao trabalho de lida com as tropas e as boiadas, como por exemplo, *relho*, *guidas*, *cangalhas*, *cabresto*, *pelego*, *arreio*, *pirái*, e outros campos que se referem a instrumentos que eram utilizados durante as longas viagens dos tropeiros, facilitando até mesmo o transporte de outros objetos, constituindo-se, por extensão, como instrumentos de trabalho, já que eram meios que facilitavam a realização da lida diária: *cambitos*, *surrões*, *embornais*, *bruacas*, *cornimboque*, *piquá*, para citarmos apenas alguns elementos lexicais.

O léxico é parte integrante da cultura e da história de um povo, permitindo a este povo se comunicar e estabelecer relações entre si, mostrando claramente a dinâmica cultural de um grupo social. Assim, procuramos demonstrar aqui como o léxico se relaciona com a cultura, expressando as relações do homem com o trabalho e como a identidade do sertanejo se constitui nesta relação. Convém destacar que estes instrumentos eram muito importantes para realização dos trabalhos nos sertões goianos no início do século XX, possibilitando as viagens das tropas e das boiadas e estabelecendo um contato comercial com outras partes do país. Além disso, nesta construção da identidade do sertanejo, o uso destes instrumentos de trabalho possibilita destaca-los como elementos produtivos e que proporcionaram um desenvolvimento econômico considerável para as regiões do Brasil Central àquela época.

Como já mencionamos, o *corpus* é vasto e possibilita uma análise detalhada dos campos lexicais relativos ao trabalho dos tropeiros e boiadeiros. Porém, apresentamos aqui somente alguns elementos para ilustrar que a identidade do sertanejo se constrói a partir de sua relação com o trabalho, e, sobretudo da sua relação com os instrumentos que possibilitam a realização deste trabalho. Ao criar seus instrumentos de trabalho e manuseá-los na sua lida diária nos sertões goianos, o sertanejo expressa seus conhecimentos, suas ideias, sua realidade; ao nomear estes objetos, o sertanejo faz uso de um sistema de signos que possibilitam a expressão de sua complexidade enquanto ser social. Portanto, percebemos que a identidade do sertanejo se constrói a partir de sua relação com o trabalho, de seus hábitos e costumes. Enfim, a identidade se constrói a partir da cultura e esta, por sua vez, se expressa através de referenciais linguísticos. Assim, fica evidente que o sertanejo apresentado por Hugo de Carvalho Ramos tem sua identidade elaborada a partir da sua relação com o trabalho de lida com as tropas e as boiadas, elaborando seus instrumentos de trabalho e expressando-se através da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC, 1976.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1972. Língua e cultura. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (sel. e introdução.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

COELHO, Braz José. **Procedimentos de lexicalização** – Formação de Palavras e Expressões Lexicalizadas na Obra de Carmo Bernardes. Araraquara, UNESP (Tese de Doutorado), 2005.

DUBOIS, Jean. et AL. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. Ed. Curitiba: Positivo, 2010.

PAULA, M. H. **Rastros de velhos falares** –léxico e cultura no vernáculo catalano. Araraquara, UNESP (Tese de Doutorado), 2007

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas**. 7 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1986.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VICENTINI, Albertina. **O Regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

